



Wilson Godoy - Assessoria de Imprensa Microsig

Entrevista com Wilson Godoy

Gestão brasileira com Linux

Entre as empresas que atuam na área de pacotes de gestão empresarial, os ERPs, a Microsig merece destaque por seu crescimento em diversos segmentos da indústria, comércio, serviços, governo, saúde e outros, contando ainda com soluções de *Business Intelligence*, gestão de recursos humanos e *Supply Chain*. Com atuação também em outros países da América Latina, a empresa recentemente se fundiu com a Logocenter, resultando num grupo que faturou R\$ 380 milhões no ano passado – entre seus clientes estão 56% de todas as pequenas e médias empresas do Brasil. Essa cifra deve chegar a R\$ 420 milhões neste ano. O Linux também está presente nos negócios da empresa: dos seus 8 mil clientes no Brasil, 20% já migraram partes ou todo seu sistema de gestão para a plataforma Linux. A Linux Magazine conversou com Wilson Godoy, vice-presidente de tecnologia e sistemas.

POR ALEXANDRE BARBOSA

Linux Magazine» Qual é a história do Linux dentro da Microsig?

Wilson Godoy» Quando começamos a aprimorar nossa plataforma própria de software, de 1995 a 1996, já sentíamos a necessidade de portar o nosso sistema, o Proteus, para outras plataformas que não o Windows®. O primeiro ambiente, evidente, foi o da Microsoft, até por uma questão de demanda do mercado; isso foi em agosto de 1999. Mas nós já tínhamos uma base de conhecimento em Unix muito sólida e, mesmo antes de lançar o sistema, já tínhamos um plano de desenvolvimento para Linux, tanto que lançamos uma versão do sistema para a plataforma poucos meses depois, em março de 2000. Havia a percepção de uma tendência de crescimento fora do Brasil e, como tínhamos interesse na internacionalização da solução, fizemos uma aposta. Pessoalmente, eu achava que o Linux avançaria muito rápido nas pequenas empresas no curto prazo. Bem, eu errei. Isso aconteceu mais nas médias empresas, porque elas estavam mais estruturadas para bancar as migrações e por ter estrutura para contar com ou contratar pessoal especializado para fazer a manutenção em Linux, coisa que não acontece na pequena empresa.

LM» O sistema teve uma adoção rápida?

WG» Nem tanto. Em 2000, a base de clientes era pouco significativa e isso não mudou muito nos dois anos seguintes. Acho que em 2002 nossa base de clientes em Linux não chegava a 1%. Mas isso também era reflexo do amadurecimento da plataforma e da estrutura de serviços no Brasil. Tanto é que, hoje, entre 15% e 20% da plataforma servidor de nossos clientes está em Linux. Hoje temos até alguns clientes usando o Linux no front-end da operação, o que nos levou também a desenvolver e lançar versões de nosso software para operação em desktops com Linux.

LM» Como foi o desenvolvimento dessa versão cliente do software?

WG» Começamos a trabalhar essa versão direto em Linux e acabamos usando o *toolkit Qt*, da Trolltech, o mesmo que usamos até hoje. No início criamos uma interface em C, mas recomeçamos do zero com um único cliente que roda nas duas plataformas.

LM» Em sua opinião, há uma distribuição Linux que mereça destaque?

WG» Posso dizer que estamos mais próximos do SUSE LINUX.

LM» *Quantos desenvolvedores a empresa tem? Vocês usam o Linux no desenvolvimento de novos produtos?*

WG» Contamos com uma equipe de 250 desenvolvedores. Em termos de desenvolvimento propriamente dito, usamos uma plataforma desenvolvida internamente, a ADVPL. Foi uma escolha que fizemos depois de apanhar um bocado ao usar ferramentas de mercado e tendo que sofrer na hora de mudar de uma linguagem para outra. Mas meus programadores, no dia-a-dia, têm a liberdade de escolher que plataforma operacional ou ferramentas vão usar e o Linux está bem presente na nossa equipe.

LM» *Como você vê o crescimento do Linux no ambiente corporativo?*

WG» Nos grandes centros o Linux é uma realidade. A plataforma já decolou. Tanto é que eu não conheço nenhuma organização que não conte com pelo menos um servidor rodando algum tipo de aplicação em Linux. O mesmo já não acontece quando você avança para pólos regionais. Acredito que isso aconteça por falta de mão-de-obra nessas regiões, ausência de profissionais ou empresas capazes de prestar serviços de qualidade e que possam dar suporte a aplicações, a projetos de implantação ou de migração, gente que possa dar sustentação a uma mudança para o Linux.

LM» *Como o uso do Linux afeta as operações da Microsiga?*

WG» Temos clientes que migram para o Linux porque estão em processo de atualização de máquinas e porque querem baixar os custos com as licenças de servidor, que é a razão principal que motiva os clientes a pensar no Linux. Estabilidade é um atributo no qual mesmo o ambiente Windows fez progressos significativos, se você comparar as versões atuais com o que rodava cinco anos atrás. O curioso é que mesmo o cliente que não adquire a

nossa solução em Linux se sente confortável ao saber que a empresa fornece essa opção pois, se decidir mudar de ambiente amanhã, sabe que poderemos ajudá-lo na transição. E, como temos experiência nisso, podemos trazer mais segurança para empresas. Lembre-se de que o ERP é parte vital dos negócios das empresas e que processos vitais como o faturamento não podem ser interrompidos. Já tive casos de clientes com 150 usuários que dormiram com Windows® na sexta-feira e acordaram com Linux na segunda seguinte. Outra coisa é a garantia de independência em relação ao fornecedor. Não é o caso, mas se amanhã sofreremos algum tipo de pressão hostil de fornecedores de sistemas operacionais, sabemos que sempre haverá uma alternativa extensível aos nossos clientes. Mas falar de ambiente operacional é tranquilo, porque está na base da pirâmide de um sistema computacional. Entretanto, quanto mais elevada a posição da aplicação na escala de criticidade da empresa, mais a lógica do software livre vai precisar de ajustes.

LM» *Ajustes de que natureza?*

WG» Existem partes de uma solução que podem ser críticas para a empresa ou podem contar diferenciais para a operação. No caso do ambiente operacional, não há razão para não usar o Linux. Indo mais acima na escala de funcionalidade, chegamos aos bancos de dados. Existem organizações que ficarão à vontade com BDs Open Source. Outras não. Quando você chega ao nível da aplicação, o modelo Open Source pede uma forma de administração mais segura. Na Microsiga nós fizemos esse ajuste, mais especificamente com o sistema Prefeitura Livre. Trata-se de uma versão voltada para governo eletrônico cujo código fonte está sendo aberto à colaboração de desenvolvedores do setor público. Mas, para que não se perca a rastreabilidade e a qualidade do software, todas as mudanças são submeti-

das a análise. É preciso ter em mente que estamos lidando com um ERP, ou seja, qualquer mudança vai afetar o funcionamento do sistema como um todo. Dessa forma, deixamos o programador pesquisar novos caminhos, ao mesmo tempo em que criamos uma contingência para evitar que alterações acidentais causem danos aos sistemas. Eu sei que isso foge um pouco do praticado pela comunidade do Software Livre.

LM» Mas é mais ou menos o que o próprio Linus Torvalds faz...

WG» Sim. Nosso objetivo não é restringir a inovação, mas garantir que sistemas complexos ou delicados serão manipulados por pessoas com a devida bagagem. E trazer mais segurança ao processo é algo que está de acordo com as preocupações do governo, que é o maior incentivador atual do progresso do Software Livre no Brasil.

LM» Que bancos de dados vocês usam em sua solução?

WG» Utilizamos as principais soluções de mercado, como Oracle, DB2, Informix, Sybase e CTree, além do SQL Server. Em Software Livre, nossos clientes podem usar MySQL ou PostgreSQL.

LM» Já existe uma base significativa de clientes que utilizam os bancos de dados de código aberto?

WG» Ainda são poucos. As médias empresas precisam de segurança, o que se traduz num suporte sempre presente, então elas buscam soluções de mercado nas quais vão encontrar o apoio devido na forma de serviços. São poucas as opções de suporte de nível corporativo em atividade com os bancos de dados de código aberto.

LM» Há algum perfil definido do cliente Microsiga que opta pelo Linux?

WG» Nada desse tipo. Temos hospitais, empresas de transportes... não há um padrão. Existem, sim, alguns centros

regionais. Goiânia, por exemplo, é um centro regional forte em Linux. Lá temos menos clientes em Linux do que em São Paulo, mas o percentual de empresas usando este sistema operacional é maior que em todo o resto do país.

LM» Na hora da venda, a Microsiga explora o Linux como argumento de venda? Na comparação com o Windows, o quanto a versão Linux sai mais barata para o cliente?

WG» Somos bem isentos em termos de plataforma. Procuramos respeitar as escolhas do cliente e mostrar que temos opções e que a solução será segura independentemente do caminho decidido por ele. Não há diferença, a rigor, entre as versões para Windows® e Linux. O cliente vai economizar nas licenças de servidores e pode baixar custos com bancos de dados, uma vez que, na aquisição do nosso software, há uma licença embutida do DB2, da IBM.

LM» A Microsiga atua também em outros países. O comportamento do mercado, quanto ao Linux e Software Livre, é diferente nesses países?

WG» É muito semelhante ao Brasil. Se pegarmos os mercados em que estamos mais ativos, como México, Chile e Argentina, estamos mais ou menos no mesmo estágio. Temos clientes com Linux em todos esses países. Mas não é de se estranhar. Veja: em países nos quais a cultura de Unix foi mais forte – como aconteceu na Europa – a transição para o Linux é mais fácil. Isso não aconteceu na América Latina. No Brasil, junto com a reserva de mercado, tivemos o problema de migrar diretamente dos minicomputadores rodando sistemas proprietários para os microcomputadores; daí a explosão e rápido crescimento do Windows® e do Netware, sem abrir muito espaço para criar uma cultura de Unix que alimentasse o Linux atualmente.

LM» Que obstáculos você vê para o progresso do Linux?

WG» Acho que o caminho para o crescimento do Linux está no desenvolvimento de aplicações. No lado servidor, as plataformas existentes estão bem maduras, mas na hora em que você vai desenvolver software corporativo, por exemplo, é preciso contar com ferramentas de modelagem e de depuração de código. Ao chegar ao mercado, o que a empresa de software descobre? Que as versões para Linux dos aplicativos dessa natureza podem custar de seis a dez vezes mais que as mesmas ferramentas em versão para Windows®. Há alguma razão que justifique isso? Então um dos entraves é o alto custo de desenvolvimento para os produtores de aplicativos.

LM» Quais são as tendências tecnológicas vinculadas ao Linux?

WG» Temos o regime de ASP (*Application Service Provider*). Não é uma inovação, mas é uma tendência. Atualmente, para o cliente Microsiga com até 15 usuários, fica mais barato usar a ferramenta via Web do que manter um sistema internamente. Além disso, os custos de conexões ADSL são hoje muito menores do que eram há alguns anos, além do que, ao compartilhar recursos, o custo por usuário cai drasticamente. É uma saída interessante para os pequenos, porque a grande corporação faz o outsourcing, enquanto a pequena empresa precisa do ASP. E nosso serviço se apóia na dupla DB2-Linux para viabilizar os custos mais baixos. Temos cerca de quatro ou cinco novos clientes nessa modalidade, que já conta com mais de 1200 usuários em 80 contratos. Há ainda a virtualização de máquinas. Um cliente nosso tinha um mainframe e decidiu continuar com ele, mudando o sistema interno e criando várias partições, gerando máquinas virtuais. Hoje temos nosso sistema em duas dessas partições. ■